



ISSN 2763-6739



MESTRADO
EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

DIÁLOGO E INCLUSÃO: UMA PRÁTICA SOCIAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DIGITAL DE IMIGRANTES DIGITAIS

Artur Maciel de Oliveira*

<https://orcid.org/0000-0001-7063-2204>



<http://lattes.cnpq.br/3668780809515613>



Bianca Moraes**

<https://orcid.org/0000-0002-4048-8448>



Ana Lúcia Oliveira Aguiar***

<http://lattes.cnpq.br/4844989882232997>



RESUMO: A internet 2.0 introduziu uma nova forma de comunicação, de interação social e de lazer. Possibilita facilmente o acesso a informações gerais mais do que qualquer outro veículo comunicacional. Partimos da seguinte pergunta: qual a percepção que os nascidos entre 1940 e 1960, imigrantes digitais, possuem do quesito informatização? O objetivo deste estudo consiste em compreender quais as contribuições da internet 2.0 para pessoas nascidas entre 1940 e 1960 no contexto das práticas de interação social em meio a pandemia da COVID. Para embasar teoricamente esta pesquisa utilizamos o conceito de tecnologia digital de informação e comunicação (TDIC's) como ferramentas educativas, que auxiliam no processo de letramento digital do indivíduo e além disso contribuem para a

* Especialista em Tradução e interpretação de Libras e em Pedagogia, Gestão, Supervisão e Coordenação Escolar. Mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Educação inclusiva – Profei
✉ maciel.oliveira-neto@unesp.br

** Especialista em Libras e Alfabetização e Letramento. Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Educação inclusiva – Profei
✉ bianca.reis@unesp.br

*** Pós-Doutora, Professora Adjunta IV, Faculdade de Educação e Professor do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Diretora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN).
✉ anaaguiar@uern.br

formação da autonomia, independência e interação entre os sujeitos, viabilizando um novo percurso de ensino aprendizagem (OLIVEIRA NETO, COSTA E SILVA, 2020; KACHAR, 2015 e PALFREY E GASSER, 2018). Santos (2015) e Lemos (2016) que trabalham o conceito de cibercultura que propicia a integração da diversidade dos sujeitos, suas múltiplas referências e seu acesso, cada vez mais intrínseco às suas necessidades e seus potenciais processos cognitivos. Por fim, debateremos conceitos como nativos digitais e imigrantes digitais (PRENSKY, 2001), inclusão digital (LARA, 2010) e fenômenos sociais (BOGDAN E BIKLEN, 1994). O percurso metodológico é de abordagem qualitativa, e erguida nos dispositivos da pesquisa (auto)biográfica como método de investigação, por meio das narrativas reflexivas de um professor formador e análise documental. As contribuições através da internet 2.0, para o grupo de pesquisado, foram perceptíveis quanto ao aprendizado, bem como à autoestima e interação produzidas, o que intensificou e modificou as relações com o outro e produziu potencialidades. Portanto, a informação é utilizada de forma muito frequente por todas as pessoas, e na sociedade pandêmica, ter acesso a essas informações e conhecimentos são de grande importância para que os indivíduos participem ativamente. A pesquisa foi de suma importância para elucidar as provocações que a ideia do diferente impõe sobre a sociedade. Vivenciar um conhecimento sem se apropriar dele, vai de encontro aos objetivos de inclusão e igualdade de acessibilidade de ferramentas que proporcionam qualidade de vida e bem estar.

Palavras-chave: Cibercultura. Imigrantes digitais. Interação. Inclusão.

DIALOGUE AND INCLUSION: A SOCIAL PRACTICE IN THE DIGITAL LITERACY PROCESS OF DIGITAL IMMIGRANTS

ABSTRACT: Internet 2.0 introduced a new form of communication, social interaction and leisure. It provides easy access to general information more than any other communication vehicle. We start from the following question: what is the perception that those born between 1940 and 1960, digital immigrants, have of the computerization issue? The objective of this study is to understand the contributions of internet 2.0 for people born between 1940 and 1960 in the context of social interaction practices in the midst of the COVID pandemic. To theoretically support this research, we used the concept of digital information and communication technology (TDIC's) as educational tools, which help in the individual's digital literacy process and also contribute to the formation of autonomy, independence and interaction between subjects, enabling a new teaching-learning path (OLIVEIRA NETO, COSTA E SILVA, 2020; KACHAR, 2015 and PALFREY AND GASSER, 2018). Santos (2015) and Lemos (2016) who work on the concept of cyberculture that promotes the integration of the diversity of subjects, their multiple references and their access, increasingly intrinsic to their needs and potential cognitive processes. Finally, we will discuss concepts such as digital natives and digital immigrants (PRENSKY, 2001), digital inclusion (LARA, 2010) and social phenomena (BOGDAN AND BIKLEN, 1994). The methodological path is of a qualitative approach, and built on the devices of (auto)biographical research as an investigation method, through the reflective narratives of a teacher trainer and document analysis. The contributions through internet 2.0, for the researched group, were perceptible in terms of learning, as well as the self-esteem and interaction produced, which intensified and modified the relationships with the

other and produced potentialities. Therefore, information is used very frequently by all people, and in the pandemic society, having access to this information and knowledge is of great importance for individuals to actively participate. The research was of paramount importance to elucidate the provocations that the idea of difference imposes on society. Experiencing knowledge without appropriating it goes against the objectives of inclusion and equal accessibility of tools that provide quality of life and well-being.

Keywords: Cyberculture. Digital immigrants. Interaction. Inclusion.

DIÁLOGO E INCLUSIÓN: UNA PRÁCTICA SOCIAL EN EL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN DIGITAL DE LOS INMIGRANTES DIGITALES

RESUMEN: Internet 2.0 introdujo una nueva forma de comunicación, interacción social y ocio. Proporciona un fácil acceso a la información general más que cualquier otro vehículo de comunicación. Partimos de la siguiente pregunta: ¿cuál es la percepción que tienen los nacidos entre 1940 y 1960, inmigrantes digitales, sobre el tema de la informatización? El objetivo de este estudio es comprender los aportes de internet 2.0 para personas nacidas entre 1940 y 1960 en el contexto de prácticas de interacción social en medio de la pandemia del COVID. Para sustentar teóricamente esta investigación, se utilizó el concepto de tecnologías digitales de información y comunicación (TDIC's) como herramientas educativas, que auxilian en el proceso de alfabetización digital del individuo y además contribuyen a la formación de autonomía, independencia e interacción entre los sujetos, posibilitando una nueva enseñanza. -ruta de aprendizaje (OLIVEIRA NETO, COSTA E SILVA, 2020; KACHAR, 2015 y PALFREY Y GASSER, 2018). Santos (2015) y Lemos (2016) quienes trabajan sobre el concepto de cibercultura que promueve la integración de la diversidad de sujetos, sus múltiples referencias y su acceso, cada vez más intrínseco a sus necesidades y potenciales procesos cognitivos. Finalmente, discutiremos conceptos como nativos digitales e inmigrantes digitales (PRENSKY, 2001), inclusión digital (LARA, 2010) y fenómenos sociales (BOGDAN Y BIKLEN, 1994). El camino metodológico es de abordaje cualitativo, y se construye a partir de los dispositivos de la investigación (auto)biográfica como método de investigación, a través de las narrativas reflexivas de un formador de docentes y el análisis de documentos. Los aportes a través de internet 2.0, para el grupo investigado, fueron perceptibles en términos de aprendizaje, así como la autoestima y la interacción producida, que intensificó y modificó las relaciones con el otro y produjo potencialidades. Por lo tanto, la información es utilizada con mucha frecuencia por todas las personas, y en la sociedad de la pandemia, tener acceso a esta información y conocimiento es de gran importancia para que los individuos participen activamente. La investigación fue de suma importancia para dilucidar las provocaciones que la idea de diferencia impone a la sociedad. Experimentar el conocimiento sin apropiarse de él va en contra de los objetivos de inclusión y accesibilidad igualitaria de herramientas que brinden calidad de vida y bienestar.

Palabras clave: Cibercultura. Inmigrantes digitales. Interacción. Inclusión.

1. INTRODUÇÃO

As pessoas que cresceram na era da informatização, tornaram o manuseio de qualquer ferramenta digital algo natural para a sua geração (KACHAR, 2015), Palfrey e Gasser (2018) complementa dizendo que os sujeitos que não se enquadram no perfil traçado por Kachar são os chamados imigrantes digitais, estes precisam conviver e interagir tanto com os nativos quanto com as inovações tecnológicas. Oliveira Neto, Costa e Silva (2020, p.4), apresentam um conceito de tecnologia digital de informação e comunicação (TDIC's) como ferramentas educativas, que “auxiliam no processo de letramento digital do indivíduo, além de contribuir para a formação da autonomia, independência e interação entre os sujeitos, viabilizando um novo percurso de ensino aprendizagem”.

A pandemia causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2 (covid-19), com início em março de 2020, fez com que mais pessoas assumissem a identidade de imigrantes digitais, alterando assim o perfil originário dos usuários das tecnologias digitais de informação e comunicação. Esta pesquisa parte da seguinte pergunta: qual a percepção que os imigrantes digitais possuem do quesito informatização?

Com o intuito de continuar com a vivência social em meio à pandemia da covid, um grupo de sete pessoas nascido entre 1940 e 1960 convidou um nativo digital para que pudessem ser alfabetizados digitalmente, fortalecendo, por essa via, o diálogo na prática social de uma inclusão digital. O trabalho é desenvolvido junto ao grupo dos imigrantes digitais que frequentam as aulas quinzenais de internet 2.0. O objetivo geral desta pesquisa consiste em compreender quais as contribuições da internet 2.0 para pessoas nascido entre 1940 e 1960 no contexto da práticas de interação social em meio a pandemia da COVID.

O início da nova década trouxe a peculiaridade de um alto investimento no aprendizado da comunicação tecnológica por questões de necessidade. A relevância da pesquisa está em apontar os resultados que demonstram as contribuições da internet 2.0 para os participantes do curso intitulado pelo supracitado grupo de imigrantes digitais como educação a distância de jovens e adultos (EAD EJA), bem

como em seu cotidiano.

A metodologia da pesquisa é de abordagem qualitativa e erguida nos dispositivos da pesquisa (auto)biográfica como método de investigação, por meio das narrativas reflexivas (JOSSO, 2010) de um professor formador e análise documental. Esta metodologia permite ao pesquisador preocupar-se, principalmente, com o processo e não com o produto.

Este artigo está organizado em três seções: na primeira, abordaremos espaços de saberes e fazeres com ênfase na Cibercultura como espaço de inclusão digital e ressignificação do conhecimento. Na segunda seção enfocamos a metodologia com centralidade na abordagem qualitativa, e erguida nos dispositivos da pesquisa (auto)biográfica como método de investigação, por meio das narrativas reflexivas de um professor formador e análise documental. Na terceira seção, traremos os resultados e a discussão com base nas contribuições através da internet 2.0, para o grupo da pesquisa, foram perceptíveis quanto ao aprendizado, bem como a autoestima e interação produzidas, o que intensificou e modificou as relações como o outro e produziu potencialidades.

Portanto, a informação é utilizada de forma muito frequente por todas as pessoas, e na sociedade pandêmica, ter acesso a essas informações e conhecimentos são de grande importância para que os indivíduos participem ativamente.

2. CIBERCULTURA: UM ESPAÇO DE INCLUSÃO DIGITAL E DE RESSIGNIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO

A atualidade é marcada pela ascensão das tecnologias digitais da informação e comunicação aliada a fácil disseminação dos conteúdos digitais e o poder de interação entre os diferentes setores da sociedade. O ser humano está cada vez mais imerso nas tecnologias e essas por sua vez ganham mais espaço, não só dentro de casa, mas também na sociedade coletiva. Neste contexto surge a cibercultura que propicia a integração da diversidade dos sujeitos, suas múltiplas referências e seu acesso, cada vez mais intrínseco às suas necessidades e seus potenciais processos

cognitivos.

Lemos (2016, p. 15) afirma que, “a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura”. O autor complementa que “a cibercultura forma-se, precisamente, da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos” (LE MOS, 2016, p. 88-89). O conhecimento pode ser ao mesmo tempo construído e reconstruído, a dinamicidade da realidade proporciona essas transformações que acontecem em um nível acelerado e independem de aceitação ou não por parte dos indivíduos.

Cibercultura, que segundo Levy (1999, p. 17) é “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço”. Assim, a cibercultura implica saber como trabalhar com as novas tecnologias e novas habilidades cognitivas, reverberando nos espaços da educação.

Surge então, novas práticas e posturas que alteram a forma de comunicação e interação entre o mundo e as pessoas. A cibercultura tem como característica fundamental a mobilidade e é através dela que o acesso aos conteúdos e conhecimentos disponíveis na rede mudam e são reformulados constantemente. O principal desafio da sociedade no contexto da WEB 2.0 vai muito além da inclusão digital. É necessário muito mais do que estar ambientado com essas tecnologias, o sujeito precisa se apropriar desses recursos para potencializar as suas competências. Estar inserido no universo digital predispõe que a sociedade se dê conta da montagem de “conexões em rede que permite uma multiplicidade de recorrências entendidas como liberação do compartilhamento, da autoria, da conectividade, da colaboração e da interatividade para potencializar a sua prática docente” (SANTOS, 2015 p.141).

Essa dinâmica comunicacional permite que as pessoas possam ir além das pesquisas unilaterais e dos “uploads” e “downloads”, sobre isso Castells (2018, p.51)

corroborando dizendo que “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos”. A Web 2.0 e a mobilidade ubíqua permitem aos seus usuários a convergência de ideias e compartilhamentos através das mais variadas plataformas digitais e redes sociais abertas que permitam a interação, a conectividade e a colaboração desses indivíduos. No contexto educacional, o professor tem papel fundamental nessa intersecção da cibercultura com os espaços físicos, dos conhecimentos produzidos online e sua correlação com os conhecimentos historicamente produzidos ao longo dos tempos.

3. IMIGRANTES DIGITAIS: APRENDER REVELANDO POTENCIALIDADES

Prensky (2001), foi o primeiro a usar os termos “nativos digitais” e “imigrantes digitais”, para referir-se aos jovens e idosos respectivamente. Palfrey e Gasser (2018), adotaram os termos “nativos digitais” ao referir-se a todos os nascidos após a década de 1980, pois estas gerações segundo os autores se relacionam com as pessoas através das redes digitais, surpreendendo-se com as novas possibilidades que encontram e são possibilitadas pelas novas tecnologias.

Os nascidos anteriores a 1980 são denominados de “imigrantes digitais”, estes precisam conviver em meio a tantas inovações tecnológicas, tendo o seu modo de estudar, de aprender, pesquisar e perceber sua cultura e seu mundo influenciados pelos nativos digitais. Havendo apenas uma exceção para os “colonizadores digitais” que segundo os autores são “pessoas mais velhas, as quais estão desde o início da era digital, mas cresceram em um mundo analógico e vem contribuindo para a evolução tecnológica” (Palfrey e Gasser, 2018, p. 13).

Ao lidarmos com os imigrantes digitais (ID) precisamos compreender como eles utilizam as TDICs. Prensky (2001, p. 02) ressalta que alguns ID mantêm o “sotaque”, sendo este uma prova do seu apego ao passado. Prensky (Op. cit) nós diz ainda que o sotaque do imigrante digital pode ser “percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de uma manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo” (p.02). Ao ensinarmos a este público precisamos ter em mente que embora nosso instrutor

seja um nativo digital, ele precisa ensinar a um público que usa uma linguagem que corresponde a um momento histórico anterior à contemporaneidade digital, a compreender as novas formas de interação e de linguagem hipermediática.

Tanto Prensky (2001) quanto Palfrey e Gasser (2018) não dicotomiza a existência desses dois grupos, os autores apontam a coexistência das gerações, onde se faz necessário compreender as formas de aprendizagem dos nativos digitais, e a forma como os imigrantes digitais se relacionam com o saber digital (Mattar, 2017). Nessa perspectiva, vamos, no próximo tópico, discutir as interações digitais no cotidiano, em especial aquelas relacionadas ao uso das TDICs.

4. METODOLOGIA

Objetivamos compreender, com base nas narrativas (auto) biográficas, quais as contribuições da internet 2.0 para os nascido entre 1940 e 1960 no contexto das práticas de interação social em meio a pandemia da COVID, com vistas a instalar um diálogo entre os fazeres e saberes das vivências das referidas pessoas e sua percepção como imigrantes digitais quanto ao quesito informatização. Por esse caminho, pensamos a abordagem qualitativa com referência aos autores como Bogdan e Biklen (2014). Nos termos dos referidos autores a investigação qualitativa em educação fortalece vários modos de fazer e de saber e é conduzida em plurais contextos do praticas. No interior desses variados contextos, apontamos a subjetividade dos sujeitos, sua história de vida, vivências e trajetórias.

A abordagem qualitativa, de acordo com Bogdan e Biklen (2014), é centralmente acolhida por muitos estudiosos tendo em vista o alcance de investigar os fenômenos sociais, sua complexidade, plural e individual, a intersubjetividade entre os sujeitos. Os estudos com abordagem qualitativa segundo os autores se interessa pela história dos sujeitos situados historicamente, de como representam o cotidiano, como percebem, apontam, dizem, entendem, sentem, interpretam e atribuem sentido às experiências. Com interesse nessa abordagem será possível perceber como os imigrantes digitais percebem as contribuições da internet 2.0 no contexto de suas vivências.

Tendo em vista definido o primeiro passo deste estudo a partir do entendimento da abordagem qualitativa, utilizamos o método de pesquisa (auto) biográfica e de história de vida entendido como um método que alcança a subjetividade e a memória dos sujeitos como condição constitutiva para a percepção das práticas e experiências da realidade de vida no contexto social dos sujeitos em constante formação, no inacabado, ao longo da vida. Destacamos a (auto) biografia, marcada na escrita de si em narrativas (auto) biográficas, como técnica de construção de um discurso na interação entre os sujeitos. Pelo caminho das narrativas (auto) biográficas nos interessa atingir o objetivo central deste estudo, a saber: quais as contribuições da internet 2.0 para os nascido entre 1940 e 1960 no contexto das práticas de interação social em meio a pandemia da COVID, com vistas a instalar um diálogo entre os fazeres e saberes das vivências das referidas pessoas e sua percepção como imigrantes digitais quanto ao quesito informatização. O percurso ofertado pelo método (auto) biográfico e de histórias de vida traduz-se na narrativa que, segundo Josso (2010), abre espaço para salientar o singular e o plural na singularidade dos sujeitos e, com sinaliza o universal, dá conta dos processos de vida e de formação dos sujeitos.

Com a mesma pertinência estabelece relação com espaços, lugares e acontecimentos na vida dos sujeitos em suas plurais e diferentes dimensões de cada um dos sujeitos com mira na transformação de vida, do aprender, do conviver, do ser, do aproximar conhecimentos. Ao narrar suas histórias, se acentuam os saberes, fazeres, sentires. Nos termos de Josso (2010), trata-se de um exercício de transformação dos seres humanos, de modo que dão sentido ao existir, revisam, abrem a condição para outros olhares, novas leituras de mundo. Acresce que a pesquisa no viés da (auto) biográfica, por meio das narrativas de si, agregam valores e dão visibilidade aos sujeitos comuns de forma individual e coletiva.

As narrativas (auto) biográficas das pessoas pesquisadas deste estudo decorrem das vivências sociais concretizadas nos lugares de saberes e fazeres de suas experiências e vivências partindo de como precisam conviver em meio a tantas inovações tecnológicas, tendo o seu modo de estudar, de aprender, pesquisar e

perceber sua cultura e seu mundo influenciados pelos nativos digitais.

Por esse caminho de entendimento as sete pessoas pesquisadas deste estudo, caracterizadas como “imigrantes digitais” tem idade entre 55 anos e 60 anos e foram convidadas a participar, considerando seu interesse nos aprendizados ao longo da vida e por terem interesse em aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a ser e acompanhar os ditames dos avanços do conhecimento digital. Para Alberti (2005) a escolha do sujeito da pesquisa deve ser orientada pelo objetivo da pesquisa, o que se aplica a este estudo.

Ao considerarmos que se trata de um estudo autobiográfico, não implica em ter um lugar físico para o estudo, pois os cenários da pesquisa se traduzem com realce na trajetória de vida das pessoas pesquisadas. São espaços, lugares e cenários, memórias de vida e de experiência de vida que dão âncora para suas ações na sua linha de tempo. Suas casas, os espaços comunitários, o dia a dia, as conversas nas calçadas, as rodas de conversa entre redes de amizades serão os lugares que refletirão suas narrativas (auto) biográficas.

A opção quanto à escolha de pessoas pesquisadas como sujeitos da pesquisa está alicerçada pelos estudos de Alberti (2005) sobre o primeiro aspecto, por assim dizer, o interesse em participar. O referido autor alerta que devem ser alimentadas, no anunciado interesse de participação na pesquisa de forma livre e esclarecida, no desejo de colaborar com o estudo, bem como sua disponibilidade de tempo para a execução dos caminhos metodológicos definidos para o estudo.

Ainda a respeito da escolha dos sujeitos da pesquisa Alberti (2005) salienta que não deve ser guiada por critérios quantitativos ou pelo argumento de amostragens, mas com base na relação dos sujeitos no grupo social que se pretende investigar, no sentido de sua vivência para a pesquisa. Traremos as entrevistas narrativas reflexivas de histórias de vida, saberes e prática de sete pessoas pesquisadas e seus convívios em meio a diversidade de informações tecnológicas. O centro de interesse deste estudo, as pessoas pesquisadas e como nos ensina Alberti (2005), são as pessoas pesquisadas e sua história de vida, seu percurso e incursão dos saberes tecnológicos,

evidente, permeados por lugares, tempos e acontecimentos em meio às inovações da tecnologia digital, no que se interessou, vivenciou, sentiu, aprendeu, transformou. A relação intergeracional abre espaço para novos aprendizados de formação, pois são oportunidades formativas (auto) reflexivas. Acrescentamos que as entrevistas narrativas reflexivas, com base na (auto) biografia das sete pessoas pesquisadas serão realizadas de forma individual e coletiva.

A pesquisa será realizada em quatro etapas. Primeiro, faremos uma investida na literatura sobre cibercultura, inclusão digital, estatuto da pessoa com deficiência, comunidades de pessoas pesquisadas com base em autores referências no objeto deste estudo.

A segunda etapa será permeada pelas sessões de narrativas com as sete pessoas pesquisadas sobre suas experiências como “imigrantes digitais” ao longo de sua história de vida realizadas em diferentes espaços de vida, bem como rodas de conversa sobre a relação intergeracional. Imprimimos destaque às incursões digitais e sua relação com as gerações chamadas “nativos digitais”. Das inúmeras narrativas vivenciadas pelas pessoas pesquisadas destacamos a memória reminiscência dessas vivências. Salientamos a abordagem nas referidas histórias como uma questão social relevante quanto aos aprendizados, às transformações, as ressignificações dos aprendizados na dimensão dos conhecimentos da informatização.

Na terceira etapa, apresentaremos as sete histórias, das sete pessoas pesquisadas com central mote das singularidades narradas férteis em possibilidades de vivências. O pensar de si, falar de si e narrar de si ganharão o dispositivo da memória afetiva no esperar dos aprendizados com as novas tecnologias informacionais. Na quarta etapa destacamos as possibilidades do aprender a aprender transformadoras na vida das pessoas pesquisadas por intermédio das narrativas (auto) biográficas apanhando as histórias narradas e produzidas como instrumentos educativos, para chegar às suas estruturas de conhecimento e afetivas, colaborando no desenvolvimento da resiliência em suas vidas de aprendizado digital considerando o inacabado. Estarão preenchidos das narrativas de suas vivências nos espaços das práticas de formação. As pessoas pesquisadas, nessa direção de

entendimento, passam a ser protagonistas da sua própria autoria narrativa, de sua história de vida, no seu cotidiano inter-relacional com de si e com o outro.

A interpretação das histórias e registradas no que chamamos de diário de memória, entendidas como sentido e (auto) formação, ilustradas pelas vozes das sete pessoas pesquisadas, e refletidas das histórias narradas, assumem como porta vozes dos desafios enfrentados pelas pessoas pesquisadas no seu cotidiano de vida. Consolidarmos na compreensão, validação e alinhamento com a pergunta de partida, a saber, quais as contribuições da internet 2.0 para os nascido entre 1940 e 1960 no contexto das práticas de interação social em meio a pandemia da COVID, com vistas a instalar um diálogo entre os fazeres e saberes das vivências das referidas pessoas e sua percepção como imigrantes digitais quanto ao quesito informatização.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do contexto de isolamento social imposto pelo novo Coronavírus, inúmeras pessoas tiveram que se afastar de seus entes queridos, de seus amigos e da vida social como a conheciam, na tentativa de evitar a propagação do vírus. Assim, a sociedade vivenciou um novo e atípico momento, um momento que desafiou as relações interpessoais.

Nessa perspectiva, um grupo de amigos reuniu-se virtualmente, e combinaram de aprender a usar as tecnologias de comunicação, pois estavam inquietos com essa nova situação. Esse grupo de imigrantes digitais convidou um nativo digital para ministrar algumas aulas virtuais sobre as ferramentas digitais de comunicação.

Para Mantoan (2003) inclusão é um processo no qual a sociedade se adequar/adaptar para receber todas as pessoas, respeitando as suas especificidades. Sobre a inclusão educacional ela diz ainda que:

A inclusão também se legitima, porque a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente. (MANTOAN, 2003, p.30)

Os sujeitos da pesquisa viveram o período no qual o único lugar possível para

a concretização da educação era a escola, sobre a experiência de aprender pelos meios digitais, Alberto diz que “no início foi algo desafiador, mas com o tempo passei a perceber que aprender pelo computador poderia ser algo prazeroso”, a Eulália complementa dizendo que “nunca pensei que seria capaz de aprender a distância do professor e de realizar as atividades com sem o professor está fisicamente, mas acompanhando virtualmente”. Neste contexto em que as tecnologias oferecem uma gama de informação e comunicação, pode gerar um novo contexto, "a incorporação desses novos recursos desencadeia modificações nas relações com o outro, o mundo e o conhecimento, interferindo na subjetividade do indivíduo" (KACHAR, 2015, p.5). A informação é utilizada de forma muito frequente por todas as pessoas, e na sociedade pandêmica, ter acesso a essas informações e conhecimentos são de grande importância para que os indivíduos participem ativamente.

Oliveira Neto, Costa e Silva (2020), salientam que nesse período desafiador de pandemia, as pessoas tiveram que abruptamente estreitar os laços com as novas tecnologias, selecionar quais os melhores recursos digitais para aplicá-los à realidade de suas vidas. Embora os sujeitos da pesquisa possuam um grande acúmulo de conhecimento, devido às suas experiências de vida, eles sentem a diferença devido a sua competência em um mundo tecnológico. Sobre as principais dificuldades encontrada por eles durante o curso Maria relata que foi “a falta de intimidade com o computador, além da falta de acessórios, como webcam e fones de ouvido” já segundo a Paula a maior dificuldade foi “estar longe do professor e não conseguir mostrar facilmente o que queria dizer”. Goulart (2007), afirma que os esforços que as pessoas pesquisadas fazem no processo de aprendizagem, são transformadas em superação pessoal que possibilitam desfrutar das facilidades oferecidas pelas TDICs.

Ao serem ouvidos sobre os cursos de tecnologia que estavam fazendo, Leninha nos conta que

Existem muitos cursos de informática, mas eu só conheço esse que é voltado para pessoas como eu, o professor sabe como lidar conosco, ele nos entende, sua abordagem educacional é voltada para as condições, interesses e necessidades de nosso grupo, e é isso que faz as aulas serem prazerosas. (Narrativa de Leninha, Mossoró, 2021).

Para desenvolver a capacitação e o acesso dos imigrantes digitais ao uso das

TDICs, o curso precisou de uma metodologia configurada com base no perfil dos alunos, com poucas pessoas na turma e da mesma faixa etária, tendo um atendimento específico, pois, os participantes precisam de mais tempo, afinal seu ritmo é diferente, tornando mais lento o processo de aprendizagem e de manipulação das tecnologias.

Quando conversamos sobre qual a repercussão da incursão nas tecnologias digitais do ponto de vista do que transformou o cotidiano deles, Azaleia nos conta que:

O curso transformou minha vida, pois agora não preciso de ajuda de ninguém para interagir com meus netos, filhos e amigos, agora sei como me comunicar com eles a distância, a tecnologia me ajudou a matar um pouco da saudade que sinto da minha família e de meus amigos, até interagir nas reuniões do centro aprendi, inclusive apresentando slides na palestra feitos por mim sem ajuda (Narrativa de Azaléia, Mossoró, 2021).

Janaina complementa dizendo que:

Apesar de todos os medos, anseios, dificuldades, causadas por esse tempo pandêmico, poder ter autonomia no uso das tecnologias foi maravilhoso, pois além de me comunicar com os amigos, posso conhecer gente nova, fazer cursos e sonhar com novas possibilidades. A maior transformação na minha vida é a possibilidade de sonhar com o que nem imaginava que existia, minha meta agora é comprar uma Alexia para ouvir o Rei sempre que quiser (Narrativa de Janaina, Mossoró, 2021).

Percebemos nas falas dos sujeitos que a inclusão digital de imigrantes digitais traz benefícios que ajudam a melhorar a qualidade de vida, a reduzir o isolamento social, dar autonomia informacional, traz novas experiências que ajudam a estimular e a preservar aspectos cognitivos, proporciona a relação intergeracional e inclusão do idoso como participante ativo na geração de nativos digitais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi desenvolvida com a finalidade de compreender quais as contribuições da internet 2.0 para os nascido entre 1940 e 1960 no contexto das práticas de interação social em meio a pandemia da COVID. Os resultados da pesquisa demonstraram que os participantes adquiriram conhecimento, confiança e maior determinação em continuar aprendendo sendo capazes de buscar informações confiáveis com o uso da internet e de utilizar as ferramentas digitais no cotidiano. Destacamos que a maior vantagem observada pelos sujeitos da pesquisa foi a independência tecnológica e a maior dificuldade foi memorizar procedimentos simples como abrir um arquivo ou executar um programa.

A conquista da independência digital contribuiu para que o público alvo da pesquisa pudesse ser inserido de forma efetiva nos círculos sociais das redes, onde a exclusão se dava pelo fato determinante de que estavam “velhos demais para aprender”. Essa liberdade trouxe maior mobilidade aos pesquisados, visto que, no contexto da pandemia, todas as relações passaram a ser fomentadas pelo uso das tecnologias. Muitos idosos, precisaram ficar isolados dos seus parentes e a tecnologia aproximou e reduziu as distâncias, tornou momentos de solidão menos sofríveis e permitiu outras conexões, além do círculo familiar, favorecendo além do fortalecimento, a criação de novos vínculos.

A pesquisa foi de suma importância para elucidar as provocações que a ideia do diferente impõe sobre a sociedade. Vivenciar um conhecimento sem se apropriar dele, vai de encontro aos objetivos de inclusão e igualdade de acessibilidade de ferramentas que proporcionam qualidade de vida e bem estar. Ao grupo foi garantido não apenas o acesso, mas o uso social da tecnologia

5. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOULART, Denise. **Inclusão Digital na Terceira Idade**: A virtualidade como objeto e reencantamento da aprendizagem. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

KACHAR, Vitória. **Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital**. 2015. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/5371/3851>. Acesso em: 22 ago. 2021.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 7 ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA NETO, Artur Maciel de; COSTA, Mifra Angélica Chaves da; SILVA, Francisca Cleidimara da. **Estratégias para o ensino da libras mediado pelas tdc's no centro estadual de capacitação de educadores e atendimento ao surdo (CAS) Mossoró/RN**. In: Anais do I Congresso Nacional de Pesquisadores de Línguas de Sinais. Anais. Caruaru(PE) CESAPE, 2020. Disponível em: <https://www.event3.com.br/anais/congressocesape/299109-ESTRATEGIAS-PARA-O-ENSINO-DA-LIBRAS-MEDIADO-PELAS-TDICS-NO-CENTRO-ESTADUAL-DE-CAPACITACAO-DE-EDUCADORES-E-ATENDI>. Acesso em: 10/08/2021

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2018.

PRENSKY, Marc. Digital Natives Digital Immigrants. Disponível em <https://marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em 10 nov. 2020 **From On the Horizon** (MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001)

SANTOS, Edméa. A mobilidade cibercultural: cotidianos na interface educação e comunicação. **Em Aberto**, Brasília, v. 28, n. 94, p. 134-145, jul./dez. 2015.